

ANNO. DE 1815

NUM. 59.

IDADE D'OURO



DO BRAZIL.

Terça feira 25 de Julho.

Fallai em tudo verdades
A quem em tudo as deveis.

Sa e Miranda.

Artigo da folha Inglesa The Couzier, sobre os ultimos acontecimentos.

A Revolução que tem havido em França, mui semelhante ás que tantas vezes tem acontecido nas Provincias Turcas, (sendo o Bachá de Paris restabelecido pela soldadesca,) he hum acontecimento não menos lamentavel que assombroso. Huma nação tida atégora por huma das mais civilizadas da Europa, que tanto tempo pretendeo a primazia nas sciencias, na urbanidade, e nas artes sociaes; cuja linguagem e maneiras, diffundindo-se por toda a parte, haviaõ levado a sua influencia mais longe, e com mais permanencia, do que os feitos de seus exercitos; esta nação he a que de repente acaba de cahir debaixo do jugo de huma militar quadrilha, capitaneada por hum aventureiro de identicos habitos e intenções. Já não entra em duvida que os militares e a gentalha mais vil de algumas cidades grandes são inclinados a Bonaparte, e incapazes de empregar hum só pensamento em hum rival. Luiz XVIII. he universalmente estimado, mesmo pelos homens que o destronizaõ; porém não he este o homem que elles querem para os seus fins: elles não querem paz, aborrecem o trabalho, e desconfião da importancia que dá a riqueza proveniente da industriosa ingenuidade. Desejaõ hum Chefe que os conduza á batalha como a hum divertimento necessario, e que lhes dê esperanças de saques e de empresas, muito mais gratos a ban-

didos, do que as duçuras do descanso. As conquistas de *Bonaparte* ainda assolarão menos a *Alemanha*, do que as suas instituições estragará a *França*; porque na *França* anniquilou a moral de toda a geração presente: os mancebos tem sido creados e acostumados ao roubo, ao sangue, e á devastação; a opprimirem como tyrannos, e a obedecerem como escravos. Creou huma raça de homens apta para executar seus designios; esta raça era-lhe necessaria então, e agora precisa ella delle: hão de por tanto dominar esses homens hoje em *França* sobre os paizanos e sobre os artistas, do mesmo modo que o fizeram sobre os povos da *Alemanha*. Os *Bourbons* hião pondo a *França* em socegada paz, e declinava o dominio militar; eis a origem da rebeldia do Exercito.

Seria inutil disputar com os admiradores de *Bonaparte* sobre a extensão da sua popularidade em *França*. A classe media, os lavradores, e gente do campo, todas as pessoas proprietarias, industriosas, e de bons costumes, he notorio que aborrecem *Bonaparte*: porém estes são huma massa, grande sim, mas passiva, e oppressa pela força militar; neste estado nada podem influir. A parte governadora da Nação he dedicada ao "filho e campião do Jacobinismo"; com esta porção que governa he que havemos de ter daqui em diante a havernos. Já nos não podemos lastimar de que *Bonaparte*, tyranno, e huma facção, escraviza a *França*: he a caterva militar, ou os Janizaros, quem o escolheo. Hum Povo ama huma Legislatura que lhe dê boas leis, e hum Rei que as faça sabiamente executar; porém huma soldadesca sem moral só ama como Chefe aquelle que os conduz á victoria. Luiz he hum Rei digno de huma nação grande e benemerita; *Bonaparte* hum Chefe proprio para soldados devassos e sanguinarios: este tinha posto a administração da *França* em homens militares de profissão, e os que o não eraõ, apenas serviaõ como os Helotes entre os *Gregos*: Luiz não podia ter excluido aquelles, de todos os empregos sem alguns inconvenientes: e á vista disto, pôde causar masavilha o resultado?

He preciso que conheçamos o mal a que temos que nos oppôr, e que encaremos face a face. Já não he com *Bonaparte* meramente que a Europa tem de lidar, he com o Exercito *Francez*; o qual he huma progenie de homens a quem os crimes da Revolução foraõ calejando em habitos inteiramente incompativeis com a existencia das outras nações, e com a paz da sociedade. Chamáraõ *Bonaparte*, não por delegação, mas por unanime expressão da sua vontade, franca, patente, e authentica: e *Bonaparte* veio para satisfazer-lhes a cubiça de sangue e de rapina, e ha de estar prompto para cumprir o objecto da sua nomezação; porque bem sabe que os seus podengos o abandonariaõ, se, como máo caçador, deixasse de matar a caça que elles farejaõ e levantaõ. Pode elle, sim, fallar de paz, pode abaixar suas armas, e tambem o faráõ os seus rafeiros, até chegar o momento de atacar; porém a soldadesca *Franceza* bem sabe o que elle quer dizer quando falla de paz; bem sabe com quem lida; conhece optimamente que a sua paz delle he sómente o intervallo necessario para arranjar e organizar os meios de fazer a guerra. Elles o chamáraõ para hum fim, e sabem que o ha de pôr em pra-

fica tão depressa o possa fazer opportunamente; pois conhecem que gosta tanto como elles de ter cousa em que se occupe.

Que fará elle agora? — A primeira cousa, certamente, ha de ser fingir protestos de paz. Se tentar reconquistar a *Belgica*, entã será isto guerra. Queerá elle ratificar, com machiavelice, o tratado de *Paris*? Se acaso tal succedesse, quem duvida que isto só era para ganhar tempo de se apremptar, e de semear discordias entre os Alliados? Os *Francezes* tem ainda maior propensã e desejo de reconquistar a *Belgica*, do que mesmo de terem *Bonaparte* por Chefe. E nós havemos de por ventura esperar que elles se preparem, ou devemos segurar a paz por via de hum golpe decisivo e anticipado? Nada he tão evidente á mais vulgar prudencia.

O Exercito *Francez* deve de ser ainda mais humilhado agora do que o foi o anno passado; deve ficar em estado de não poder fazer o menor mal, em quanto a Europa poder realmente estar em paz. A questã já não consiste em saber o que se deve fazer; o que releva he que os Alliados obrem com a mesma unanimidade e vigor que o anno passado os conduziraõ a tão glorioso fim da guerra.

Se infelizmente a guerra durasse, (o que não he de presumir,) contemplando a nós mesmos como o maior dos flagellos, cumpre consideremos os nossos meios de a sustentar. Os nossos militares de terra e mar correriaõ ás armas gostosos; os nossos proprietarios aestimariaõ lá consigo, lembrando-se lhes traria tanto lucro como a antecedente; os nossos navios, e o nosso commercio maritimo, teriaõ, como até agora, interesses, pois as nossas forças navaes nos seguraõ o dominio dos mares; os nossos artistas e operarios ganhavaõ no tempo da guerra anteriores maiores salarios, e agora as nossas manufacturas prosperariaõ bastante, tendo aberto o Continente da Europa e o da *America*. — He verdade que os que tem Pensões vitalicias teriaõ de padecer por causa do augmento dos impostos: porém isto he huma consequencia de elles se pôrem fora do circulo de actividade, riqueza productiva, e prosperidade nacional. Nas revoluções das propriedades haõ de naturalmente cair a terra os zanganos do Estado. A nação prosperou durante huma guerra, e ainda lhe pôde succeder o mesmo, a pezar das predições dos granadeiros, que mil vezes tem falhado. A *Grã-Bretanha* tem gozado internamente perfeito socego, melhoramentos, e por toda a parte augmento de riqueza. Se pois nos virmos obrigados á guerra, pezemos as vantagens e desvantagens com que teremos de entrar na contenda. O unico fundamento de inquietaçã será pelo que toca ás finanças; porém estas, com huma prudente e habil direcção, podem-se fazer adquirir a costumada elasticidade, e adaptar-se ás circumstancias, á proporção que estas vaõ surgindo. He necessario, nesta occasiaõ, examinar a nossa situaçã, e apresentar a sua prespectiva ao inimigo do Mundo. Com os *Bourbons*, com hum Governo pacifico, devemos acerrimamente contender por meio de amigavel comportamento, e linguagem conciliadora: e na presença de aventureiros militares, ávidos de despojos, e de sangue, devemos pelo menos estar á lerta, e sempre em desconfiança.

P. S. O Exercito Austriaco na Italia tem recebido grandes reforços. Elle he commandado pelo Arquiduque Carlos. O Rei Murat não tem achado nos Italianos disposições favoraveis; nada tem feito de memoravel; antes tem soffrido algumas desfeitas em pequenas divisões das suas Tropas. As Tropas Hespanholas, que sahiraõ de Madrid para a Catalunha, parece que não são destinadas para entrar em França; mas sim para socegar os insurgentes daquella Provincia.

AVISOS.

João Fernandes Guimarães, participa a esta Praça, que no Brigue Caçador pertende passar-se a Lisboa, e de lá para a sua Patria Guimarães, assim como ter findado, e justado a suciedade, que teve com Antonio José Pinto, e ficaõ em poder deste fundos; e a seu cargo satisfazer aos Credores nesta mesma suciedade, assim como elle Fernandes, aos que á mesma são credores moradores em Lisboa.

João Ladislão de Figueiredo, quer vender hum sobrado novo, na rua do Fidalgo, e hum casa na rua das Veronicas.

Quem tiver achado hum cachorro Inglez grande, branco, e com manchas pretas, dirija-se ao Escriptorio de Guilherme Smith e Companhia, ás Grades de ferro, que será bem recompensado.

Vende-se ou arrenda-se hum Lambique, casa de vivenda, e roça; intitulado: *Canta Gallo*, quem pertender, falle com seu dono no mesmo Alambique.

Fugio a Manoel José de Magalhães, no dia 16 do corrente mez de Julho, hum escravo de nome Vicente, de Nação Tapa, com dois signaes no rosto, carregador de cadeira, alto sem barba, testa alta, e levou vestido hum calção de panno da Costa, já roto, camisa branca, e collete de chita; quem delle tiver noticia lho levará ao seu Escriptorio, ao Caes Novo, ou a casa de vivenda na estrada da rua de baixo, que com attenção satisfará o seu trabalho &c.

Com Permissam do Governo.

BAHIA: NA TYPOG. DE MANOEL ANTONIO DA SILVA SERVA.